



Combate Naval do Riachuelo. Cópia do original de Vítor Meirelles.
Autor : Oscar Pereira da Silva- Cretative Commons (CCBY-AS 3.0)

150 ANOS DE UMA BATALHA QUE MARCARIA PARA SEMPRE NOSSA HISTÓRIA¹

¹ Agradeço a DPHDM , em especial a Comandante Leniza pelas imagens cedidas para serem utilizadas nesse artigo,

Aspirante Arthur Janeiro Campos Nuñez

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, o Império do Brasil desfrutava de uma estabilidade política interna considerável, visto que todos os nossos conflitos internos de grande porte haviam sido resolvidos; por isso o Brasil voltou seus interesses para a região platina. A política externa brasileira enxergava a região como vital e via com muito receio as aspirações de lideranças da Argentina, Paraguai e Uruguai em unificar novamente a região, formando um novo Vice-Reino do Prata.

Além de temer um Estado muito forte em suas fronteiras no sul, a região do Rio Prata era importante para o Brasil da época porque era a melhor maneira de se comunicar e alcançar a província de Mato Grosso. Como o país ainda não era ligado ao interior por estradas ou ferrovias, as hidrovias da região eram importantíssimas para manter essa província ligada com o resto da nação. Os navios penetravam o interior do continente através

do estuário do Prata, subiam os rios Paraná e Paraguai, passavam por Assunção até chegar a Cuiabá.

Assim, fica evidenciada a importância da região para o Império do Brasil, que acompanhava de perto as constantes mudanças no cenário político da região. Mudanças essas que colocariam todos os países da região platina no mais longo e mortífero conflito da América do Sul: a Guerra da Tríplice Aliança.

O COMPLEXO JOGO POLÍTICO DO PRATA E O ÍNICIO DA GUERRA

No ano de 1862, ocorreram diversos fatos que mudariam o complexo jogo político na região do Rio da Prata. Começando pela Argentina, que neste fatídico ano veria Bartolomé Mitre assumir a presidência da recém-criada República Argentina, tendo como difícil missão consolidar o Estado nacional argentino. No Uruguai, o presidente Berro assume o poder, mas enfrenta



Batalha Naval do Riachuelo – Aquarela de Trajano Augusto de Carvalho- Acervo DPHDM

a sublevação de Flores. No Brasil, o Partido Liberal reassume o poder, sendo pressionado pelos pecuaristas do Rio Grande do Sul, que tinham interesses no Uruguai e defendiam uma clara intervenção brasileira em favor de Flores. No Paraguai, morre Carlos Antonio López, que tem como sucessor seu ministro da Guerra e filho, Carlos Solano López (DORATIOTO, 2009, p.256).

Solano López, desde que assume o poder, promove uma política externa muito diferente da de seu pai. Enquanto Carlos López procurou afastar o Paraguai dos conflitos externos, Solano López promoveu uma política audaciosa, inábil e expansionista, que colocaria o seu país em rota de colisão com Brasil e Argentina.

Essa política externa arrojada, somada aos desencontros diplomáticos entre paraguaios, argentinos e brasileiros, seria estimulada ainda por acusações da diplomacia uruguaia que convenceram o ditador paraguaio de supostas pretensões de dividir o Uruguai e atacar posteriormente o Paraguai:

O ditador paraguaio fora convencido pelas acusações fantasiosas da diplomacia uruguaia, segundo a qual a Argentina e o Império compartilhavam o plano secreto de pôr fim à independência do Uruguai, dividindo-o entre si e de que, em seguida, se voltariam contra o Paraguai. López colocava-se em posição de confronto com o Rio de Janeiro e Buenos Aires, confiando no pressuposto dos apoios de Urquiza e do governo blanco e na superioridade militar do Paraguai, que contava com um exército mais numeroso que

os dos países vizinhos somados. (BITTENCOURT, 2009, p.259).

Acreditando nessas falsas acusações, o ditador paraguaio não aceitou a intervenção militar que o Brasil fez em outubro de 1864 e, no mês seguinte, apreendeu o navio mercante brasileiro “Marquês de Olinda” e tropas paraguaias invadiram o Mato Grosso. Essas hostilidades deram início à Guerra da Tríplice Aliança.

Solano Lopez desejava também atacar o Brasil no sul e posteriormente chegar até o Uruguai; para isso, pediu autorização da Argentina para passar tropas por seu território para invadir o Brasil. O governo argentino negou a solicitação do ditador paraguaio, mesmo assim este autorizou suas tropas a atravessarem a fronteira com a Argentina e ocuparam a cidade de Corrientes no dia 13 de abril de 1865.

O ataque ao seu território fez a Argentina abandonar sua posição de neutralidade como fez com a intervenção brasileira no Uruguai. Assim, em 1º de maio de 1865, o Império do Brasil, a República Argentina e a República Oriental do Uruguai assinaram o Tratado da Tríplice Aliança contra o Paraguai. É importante frisar que o tratado não visava à guerra contra o povo paraguaio, e sim contra o governo ditatorial de Solano Lopez.

Apesar de a aliança envolver três países, sendo que dois destes eram consideravelmente maiores em população e extensão territorial, o início da guerra não foi bom para os aliados. A província de Corrientes havia sido tomada, o forte Coimbra, no Mato Grosso, pertencia aos paraguaios, e estes continuavam seu avanço no sul do continente em duas colunas: uma marchava em direção a São Borja, e a outra seguia na direção de Entre Rios e do Uruguai.

Portanto, os aliados precisavam de uma resposta rápida para impedir o avanço paraguaio e elevar o moral de nossas tropas. Para essa missão foi escalado um experiente marinheiro, o Almirante Tamandaré.

OS PREPARATIVOS PARA A BATALHA NAVAL

O Almirante Joaquim Marques Lisboa, Tamandaré, que fora nomeado Comandante-em-Chefe das forças navais brasileiras, encontrava-se com sua esquadra no Uruguai, defendendo os interesses brasileiros na região. Resolvido o conflito interno do Uruguai e garantida a subida dos colorados ao poder, Tamandaré recebeu ordens de estabelecer um bloqueio naval ao Paraguai e dar suporte logístico às tropas Aliadas. E justamente a logística foi a primeira preocupação do

então visconde para o suporte necessário de sua esquadra, visto que na época o país já possuía navios de propulsão mista (vela e vapor). “Tamandaré passou a tomar providências para que houvesse um apoio logístico adequado, com suprimento de carvão, mantimentos, munição e capacidade de reparação de seus navios.” (BITTENCOURT, 2009, p.276).

Para essa complexa tarefa, Tamandaré dividiu sua força em três divisões. Segundo o Almirante Bittencourt (2009), uma, composta de navios cujos calados impediam que operassem no médio Paraná, que ficou sob seu comando direto, tendo como capitânia a corveta “Niterói”; e outras duas que deveriam subir o rio com o propósito de apoiar as tropas aliadas.

Sabendo da delicadeza da missão e procurando dar maior agressividade à incursão pelo rio Paraná, Tamandaré nomeou seu próprio Chefe-de-Divisão, Francisco Manoel Barroso da Silva, para chefiar a parcela da força que subiria o rio. Francisco Manoel Barroso da Silva comandava a segunda divisão a bordo da fragata “Amazonas”, um belo navio misto, a vela e propulsão a vapor com rodas laterais. Era uma belonave ideal para navegação oceânica, assim como todos os navios da força brasileira na fase inicial da guerra, que não possuíam um calado ideal para navegação fluvial.

Esse fato fez o próprio Almirante Barroso duvidar se deveria prosseguir com a fragata “Amazonas”, devido ao fato de um encalhe próximo à margem inimiga poder ser fatal para o navio e seus homens. Apesar dessa dificuldade, Barroso fornece o suporte ao ataque de Corrientes, no dia 25 de maio, e consegue reembarcar as tropas aliadas devido ao êxito paraguaio em

defender suas posições. O ataque a Corrientes causou um grande impacto no comando paraguaio em relação à presença naval brasileira:

A recuperação de Corrientes pelos aliados, embora frustrada, mostrou ao alto comando paraguaio que a presença dos navios brasileiros no rio Paraná era uma séria ameaça para suas tropas, que avançavam para o Sul, pela margem esquerda – a margem direita é o Chaco, com terreno alagadiço e inóspito. Esses navios davam mobilidade às tropas da Tríplice Aliança e ameaçavam permanentemente o flanco direito paraguaio, tornando-o vulnerável a novos ataques. Era preciso, por conseguinte, eliminar a presença do poder naval inimigo. (BITTENCOURT, 2009, p. 279).

Com isso em mente, o próprio López redigiu os preparativos para uma batalha naval decisiva que visava aprisionar o máximo possível de navios e posteriormente rebocá-los até Humaitá. Aproveitando o fato de a força naval brasileira estar fundeada próximo a Corrientes, ou seja, dentro de território ocupado pelo inimigo, tendo dificuldades de abastecimento de víveres, Solano Lopez queria desfechar um ataque o mais rápido possível.

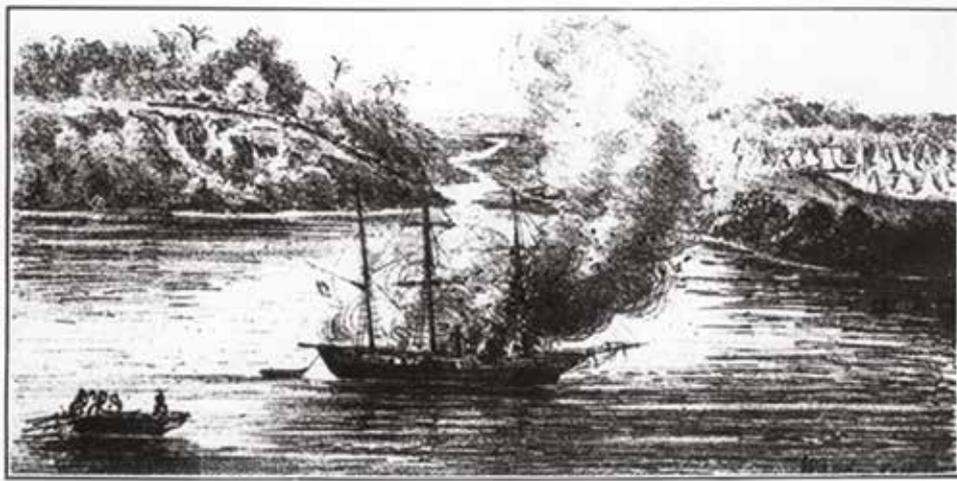
A BATALHA NAVAL DO RIACHUELO

Na madrugada do dia 10 para o dia 11, a força naval brasileira ainda se encontrava fundeada próximo a Corrientes. A força comandada por Barroso era composta pela fragata “Amazonas”, pelas corvetas “Jequitinhonha”, “Beberibe”, “Parnaíba” e “Belmonte” e pelas canhoneiras “Mearim”, “Araguari”, “Iguatemi” e “Ipiranga”.

Na manhã do dia 11, parte da guarnição brasileira estava em terra procurando lenha com o objetivo de poupar carvão. A surpresa do ataque foi geral, pois, como não havia ataques frequentes de uma força naval paraguaia, era difícil manter um estado prolongado de alerta (BITTENCOURT,



Mapa da região onde foi travada a Batalha Naval do Riachuelo, mostrando o dispositivo das forças brasileiras. Acervo DPHDM



Corveta brasileira Jequitinhonha – Acervo DPHDM

2009). Assim, o primeiro navio a avistar a silhueta dos navios inimigos foi a canhoneira “Mearim”, um pouco depois das oito horas da manhã.

A força paraguaia avistada era comandada pelo Capitão-de-Fragata Pedro Inácio de Mezza. Era composta por oito vapores e um total de 30 canhões, rebocando seis chatas artilhadas com um canhão de 68 polegadas cada uma (CESAR, 2013, p.226). Os navios paraguaios estavam abarrotados de homens, visto que a intenção de Mezza era abordar os navios e tomá-los para suprir a carência de navios de guerra que o Paraguai sofria devido ao bloqueio imposto por Tamandaré.

A ideia de Mezza era atacar de surpresa as forças brasileiras ainda fundeadas. Essa era a tática de maior sucesso, mas, tendo se atrasado devido a problemas na propulsão de um de seus navios, o “Iberá”, e ao reboque das chatas artilhadas, ele julga ter perdido o elemento surpresa e muda de tática. O comandante paraguaio decide passar pelos navios brasileiros e fundear próximo à foz do arroio do Riachuelo, onde havia, camuflados na margem, canhões da Artilharia Paraguaia que auxiliariam na batalha. “Fechou-se, assim, uma armadilha, em uma extensão de uns seis quilômetros, ao longo do trecho do Paraná junto à foz do Riachuelo.” (BITTENCOURT, 2009, p.285).

Ainda fundeada nesse momento, a esquadra brasileira vai suspender aproximadamente às 10h50, descendo em coluna o rio Paraná em direção ao Riachuelo. Nesse momento, o Almirante Barroso iça o famoso sinal de bandeiras: “O Brasil espera que cada um cumpra seu dever”. A coluna brasileira contava com a corveta “Belmonte” à frente da coluna, que passou

sozinha pelo fogo concentrado do inimigo e teve que procurar o encalhe para evitar o naufrágio. A passagem da “Belmonte” sozinha pelo fogo inimigo deveu-se a uma manobra do Almirante Barroso, que deteve a fragata “Amazonas” para evitar uma possível fuga do inimigo. Essa inesperada manobra provocou o retrocesso de alguns navios e fez com que a “Jequitinhonha” encalhasse

à frente da barranca artilhada de Santa Catalina. A corveta, então, começou a sofrer “fogo vivíssimo de terra”, como relata seu comandante, Capitão-Tenente Joaquim José Pinto.

Visando reorganizar suas forças, Barroso avançou com a “Amazonas” e tomou a dianteira dos navios que se encontravam a ré da “Belmonte”. Seguido pelos seus outros navios, Barroso completou a passagem do Riachuelo sob intenso fogo dos canhões e fuzilaria de terra paraguaios. O saldo da batalha até então era negativo para o Brasil, pois a “Jequitinhonha” e a “Belmonte” estavam encalhadas sob fogo inimigo e a “Parnaíba”, com leme avariado, fora abordada e tomada pelo inimigo. Em seu convés, lutaram heroicamente, até a morte, os bravos Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh e Imperial Marinheiro Marcílio Dias.

Então, o Almirante Barroso regressou com seus seis navios restantes em direção ao Riachuelo. Decidindo aproveitar o maior porte de seu capitânia, Barroso decidiu abalroar os navios paraguaios. A tática foi um improvisado, seu navio não tinha esporão e muito menos a proa reforçada para ser empregada como aríete. Apesar do improvisado, a tática deu certo e colocou quase metade da força paraguaia fora de combate. Aproveitando o bom momento, Barroso mandou içar “Sustentar o fogo que a vitória é nossa”, elevando assim o moral dos marinheiros ali presentes. Vendo a situação deteriorar rapidamente e estando seu comandante mortalmente ferido, os paraguaios decidiram bater em retirada. Quatro navios escaparam e voltaram para Humaitá fugindo rio acima, eram eles: “Taquari”, “Iguereí”, “Pirabe” e “Iporá”.

Apesar de ainda sofrer sob o fogo inimigo de Santa Catalina e de ter que resgatar seus navios avariados e encalhados, ficou claro que a vitória era brasileira. Barroso conseguiu, em um dia, pôr fim as pretensões de Solano López de destruir a esquadra brasileira ali presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Riachuelo foi uma vitória incontestável do Brasil. Permitiu aos aliados manter o bloqueio naval ao Paraguai e ainda garantiu o rio Paraná como uma via de abastecimento para as tropas. A vitória também inutilizou a força naval inimiga, que não se faria presente em mais nenhuma batalha direta. Mas suas consequências vão muito além: a Batalha do Riachuelo foi a primeira grande vitória aliada e aumentou o moral das tropas aliadas naquele momento.

A batalha também evidenciou a necessidade de uma frota adequada à navegação fluvial e com boa couraça para resistir ao fogo das baterias de terra e pequena borda livre, visto que, apesar de dominar o rio Paraná e colocar os aliados na ofensiva, ainda persistiam

formidáveis fortificações que seriam difíceis de transpor como Curuzu, Curupaiti e, principalmente, Humaitá. Essa necessidade de novos navios gerou uma demanda por novos navios grandes e impulsionou a construção naval, em especial no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, além da compra de diversos meios no exterior.

Riachuelo tornaria evidente a necessidade de estar preparado para aplicar o Poder Naval em qualquer lugar. Mostrando que a Marinha é uma arma versátil e pode ser utilizada para apoiar missões do Exército, mesmo dentro do continente sul-americano, como ficou evidente posteriormente ao 11 de junho, com as operações combinadas entre Duque de Caxias e o Visconde de Inhaúma.

Também não podemos ignorar que ali se consolidaria a formação de nossa Marinha. Um difícil batismo de fogo que consagraria alguns heróis nacionais como Barroso, Greenhalgh e Marcílio Dias, que são até hoje reverenciados pelo exemplo de sua dedicação e amor ao Brasil. Por isso, hodiernamente, a Marinha comemora sua Data Magna no dia 11 de junho, homenageando todos os heróis que ali lutaram pelo Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Douglas de Souza Jr. *A Batalha Naval do Riachuelo*. 2007. Disponível em: <<http://www.hmmb.com.br/artigo0407.html>>. Acessado em: 16 out. 2015.

ANTUNES, Euzébio José. *Memórias das Campanhas contra o Estado Oriental do Uruguai e a República do Paraguai*, Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 2007.

BETHELL, Leslie et al. *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.

BITTENCOURT, Armando de Senna et al. *Guerra no Mar: Batalhas e campanhas navais que mudaram a História*. p. 253-300. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CESAR, William Carmo. *Uma história das Guerras Navais: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. Guerra do Paraguai. In: MAGNOLI, Demétrio (Org). *História das guerras*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.253-286.

MAESTRI, Mário. A Guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica. [1871-2002]. *Revista Espaço Acadêmico*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/091/91maestri.pdf>>. Acessado em: 31 out. 2015.